

OPINIÃO

Como a China transformou superapps em infraestrutura nacional

Durante décadas, o debate global sobre tecnologia foi conduzido sob a lógica da inovação empresarial.

Startups surgem, escalam, capturam mercado e eventualmente se tornam gigantes. A narrativa é essencialmente privada. A China, no entanto, construiu algo conceitualmente distinto: um modelo no qual plataformas digitais deixaram de ser apenas empresas e passaram a funcionar como infraestrutura nacional.

Ao longo da missão que deu origem ao relatório Made in China – A Nova Arquitetura da Inovação Global, realizada pelo Institute for Tomorrow em parceria com E-Commerce Brasil, IEST Group e YouPix, ficou evidente que superapps como WeChat, Douyin e plataformas como Alibaba operam não apenas como negócios digitais, mas como sistemas operacionais da vida cotidiana. Pagamentos, transporte, saúde, educação, identidade digital, comércio e serviços públicos são mediados por um mesmo ecossistema integrado.

O superapp, na China, não é um produto. É um modelo de governança tecnológica.

O WeChat ultrapassa 1,3 bilhão de usuários ativos e integra mensagens, pagamentos, mini programs, serviços públicos e infraestrutura financeira. O que no Ocidente está fragmentado entre aplicativos bancários, marketplaces, plataformas sociais e sistemas governamentais, na China converge dentro de uma mesma arquitetura digital. O conceito que começa a emergir é o de “GOV-as-a-Platform”: o governo como serviço digital integrado.

Essa integração não é acidental. Ela deriva de um modelo de desenvolvimento orientado por planos estratégicos quinquenais, nos quais inovação digital, soberania tecnológica e infraestrutura de dados são tratados como política de Estado. A economia digital não é vista apenas como setor, é considerada base estrutural do crescimento futuro, com metas explícitas de ampliação de sua participação no PIB acima de 60% até 2030, segundo as diretrizes apresentadas no relatório.

A consequência prática é que as plataformas deixam de ser intermediárias privadas e passam a desempenhar função pública.

WeChat Pay e Palm Pay não são apenas soluções de pagamento; são instrumentos de inclusão financeira, rastreabilidade e digitalização de serviços urbanos. Mini Programs não são apenas ferramentas para PMEs, são mecanismos de formalização econômica em escala massiva. A Alibaba Cloud não é apenas provedora de serviços corporativos, é parte da estratégia de soberania tecnológica e infraestrutura nacional de dados.

Vivianne Vilela (*)
O país tornou-se plataforma porque as plataformas tornaram-se extensão do Estado.

Esse arranjo produz ganhos evidentes de eficiência. A integração reduz fricção transacional, acelera inovação e permite coordenação em larga escala. O conceito de “China Speed”, frequentemente associado à velocidade de execução do país, está diretamente ligado a essa convergência entre planejamento público e execução privada.

Mas o modelo também levanta questões relevantes para economias abertas. A governança algorítmica chinesa parte do princípio de que dados são bem público estratégico. No Ocidente, dados são tratados majoritariamente como ativos corporativos ou direitos individuais. A diferença filosófica é profunda. Enquanto a União Europeia estrutura regulação em torno da proteção da privacidade, a China estrutura sua política digital em torno da estabilidade sistêmica e da prosperidade coletiva.

Esse contraste revela que estamos diante de modelos civilizatórios distintos de organização tecnológica.

Outro ponto central é que, ao transformar plataformas em infraestrutura nacional, a China reduz dependência externa. Investimentos em semicondutores, IA generativa, sistemas operacionais locais e nuvem proprietária fazem parte de uma estratégia explícita de autonomia estratégica.

O impacto geoeconômico é significativo. O país deixa de exportar apenas manufatura e passa a exportar arquitetura digital. O modelo de superapps integrados, live commerce, social commerce e governança digital começa a influenciar mercados emergentes da Ásia, África e América Latina.

Para o Brasil, a reflexão não deve ser sobre replicar o modelo institucional chinês, mas sobre compreender sua lógica sistêmica. O que torna o país uma plataforma não é apenas tecnologia avançada, mas coordenação estratégica. Estado, empresas e universidades operam sob diretrizes convergentes. Inovação não é episódica; é institucionalizada.

O desafio brasileiro é estrutural. Temos criatividade, diversidade cultural e mercado consumidor relevante. O que nos falta é integração. Nossas plataformas operam de forma isolada. Nossa política digital carece de visão de longo prazo. Nossos dados permanecem fragmentados.

Ao observar a China, fica evidente que o século XXI será definido por quem organiza melhor seus sistemas. E que a vantagem competitiva está na arquitetura que sustenta milhões de interações diárias de forma coordenada.

(*) Diretora de Conteúdo do E-Commerce Brasil.

Meta planeja demitir 20% dos seus funcionários

A Meta, o antigo Facebook, estuda realizar uma nova rodada de demissões que pode atingir 20% ou mais de seus funcionários.

Vivaldo José Breternitz (*)

Informação foi dada por três fontes familiarizadas com o assunto ouvidas pela Reuters; a iniciativa estaria ligada à necessidade de compensar os elevados investimentos da empresa em infraestrutura de inteligência artificial e de aproveitar os ganhos de eficiência proporcionados pelo uso crescente de ferramentas de IA.

Ainda não há uma data definida para os cortes, e o tamanho final da redução de pessoal também não foi decidido, afirmaram as fontes – no final de 2025, a Meta empregava cerca de 79 mil pessoas.

Nos últimos dias, executivos da companhia teriam comunicado o plano a seus imediatos e determinado que comessem a elaborar propostas para reduzir equipes. As fontes falaram sob condição de anonimato por não terem autorização para discutir o assunto publicamente.

Procurado pela Reuters, o porta-voz da empresa, Andy Stone, afirmou que se trata apenas de especulações, o que provavelmente não é verdade.

Caso os cortes se confirmem no patamar de 20%, esta será a maior redução de pessoal desde a reestruturação promovida entre o fim de 2022 e o início de 2023, período que a empresa chamou de “ano da eficiência”.

Em novembro de 2022, a Meta demitiu 11 mil funcionários, o equivalente a cerca de 13% de sua força de trabalho à época. Cerca de quatro meses depois, fez mais 10 mil cortes.

Nos últimos meses, o CEO Mark Zuckerberg tem intensificado a aposta da companhia no desenvolvimento de inteligência artificial. A Meta chegou a oferecer pacotes



SDI_Productions_CANVA

de remuneração avaliados em centenas de milhões de dólares ao longo de quatro anos para atrair profissionais de destaque para uma nova equipe dedicada à chamada superinteligência.

A empresa também anunciou planos de investir US\$ 600 bilhões até 2028 na construção de novos centros de dados. No início da semana passada, adquiriu a plataforma social voltada para agentes de IA Moltbook. Além disso, também segundo a Reuters, a Meta está desembolsando pelo menos US\$ 2 bilhões para comprar a startup chinesa de IA Manus AI.

Zuckerberg tem mencionado publicamente os ganhos de produtividade esperados com essas iniciativas. Em janeiro, afirmou que já observa projetos que antes exigiam grandes equipes sendo executados por uma única pessoa altamente qualificada, com apoio de ferramentas de IA.

A estratégia da Meta reflete um movimento cada vez mais comum entre grandes empresas de tecnologia dos Estados

Unidos, que vêm citando avanços recentes em inteligência artificial como causa de reorganizações.

Os novos investimentos da Meta também ocorrem após dificuldades enfrentadas no desenvolvimento de seu modelo de IA Llama 4 no ano passado. A empresa foi criticada por apresentar resultados considerados enganosos em testes comparativos iniciais e acabou cancelando o lançamento da maior versão do modelo, chamada Behemoth, que estava prevista para meados deste ano.

Agora, a equipe de superinteligência trabalha em um novo modelo, conhecido internamente como Avocado, com o objetivo de recuperar a posição da empresa na corrida global pela liderança em inteligência artificial. Ainda assim, segundo as fontes da Reuters, o desempenho inicial desse modelo também ficou abaixo das expectativas.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjntz@gmail.com.

News @ TI

ricardosouza@netjen.com.br

Soluções de gestão de certificados digitais para instituições financeiras

@ A Redtrust, empresa do grupo Keyfactor especializada em gestão de certificados digitais e pertencente à Keyfactor, estará presente no Febraban SEC 2026, que acontece nesta quarta-feira (18) e quinta-feira (19), das 9h às 18h. O evento receberá a Felaban – Federação Latino-Americana de Bancos, que realizará em conjunto o Congresso Latino-Americano de Segurança Bancária (CELAES), em sua 41ª edição, reunindo especialistas internacionais para apresentação de estudos, tendências e melhores práticas em segurança cibernética financeira. A participação da Redtrust acontece em um momento crítico para as instituições financeiras brasileiras: desde 1º de março, as novas regras do Banco Central (BC) e do Conselho Monetário Nacional (CMN) sobre segurança cibernética já estão em vigor.

NVIDIA anuncia o projeto "Open Physical AI Data Factory"

@ A NVIDIA anuncia o NVIDIA Physical AI Data Factory Blueprint, uma arquitetura de referência aberta que unifica e automatiza a forma como os dados de treinamento são gerados, ampliados e avaliados, reduzindo os custos, o tempo e a complexidade do treinamento de sistemas de IA física em grande escala. O projeto permite que os desenvolvedores utilizem os modelos de base de mundo aberto NVIDIA Cosmos™ e os principais agentes de codificação para transformar dados de treinamento limitados em conjuntos de dados amplos e diversificados — incluindo casos extremos raros e cenários de cauda longa que são caros, demorados e, muitas vezes, impraticáveis de capturar no mundo real (https://www.nvidia.com/pt-br/).

Apenas 46,4% das empresas exigem IA nas contratações

@ O Guia Salarial 2026 da Michael Page, baseado em entrevistas com 7.147 profissionais e 998 empresas em todo o país, indica que 53,6% das companhias consideram conhecimentos em Inteligência Artificial e Big Data pouco demandados em seus processos seletivos. Apenas 46,4% afirmam que essas habilidades têm alta demanda. O número revela que, apesar da centralidade estratégica atribuída à IA, sua exigência formal ainda não é majoritária. O contraste aparece quando o recorte se amplia para a alfabetização digital. Nesse caso, 60,4% das empresas afirmam que o domínio de ferramentas e competências digitais é requisito primordial, enquanto 39,6% classificam esse conhecimento como de baixa demanda. O dado sugere que o mercado prioriza uma base digital ampla antes de exigir especialização

avançada. De acordo com Andre Purri, CEO da HRTech Alymente, há também um fator estrutural. “A adoção de IA implica investimento em infraestrutura, integração de dados e revisão de processos internos. Sem essa base consolidada, a demanda por especialistas tende a ser limitada. Por isso, a alfabetização digital aparece como prioridade mais ampla e imediata, funcionando como etapa preparatória para uma incorporação mais profunda da inteligência artificial”, afirma (https://www.alymente.com.br/).

Soluções de inteligência artificial prontas para a Indústria

@ A Lenovo, potência global de tecnologia, acaba de revelar, durante o NVIDIA GTC, novas soluções para o portfólio Lenovo Hybrid AI Advantage™ com a NVIDIA, todas projetadas para acelerar a adoção da IA, reduzir o tempo até o primeiro token (TTFT) e entregar resultados de negócios mensuráveis em ambientes pessoais, empresariais e em nuvem. Com base na aceleração de inferência introduzida na Lenovo Tech World, essa nova fase da execução da IA híbrida amplia a vantagem da Lenovo Hybrid™ AI, do dispositivo ao data center, e às implantações de IA em nuvem em escala de gigawatts, viabilizando tomada de decisões em tempo real, maior eficiência operacional e automação inteligente em diversos setores ao redor do mundo (https://www.lenovo.com/br/pt/).

IMPA Tech e MAG firmam parceria inédita para formação de talentos em tecnologia e inovação

@ O IMPA Tech, programa de graduação do Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), anuncia parceria com o Grupo MAG, companhia com 191 anos de atuação ininterrupta nos segmentos de vida e previdência. A empresa passa a apoiar iniciativas acadêmicas da instituição e outras atividades que aproximam estudantes do bacharelado em Matemática da Tecnologia e Inovação do mercado de trabalho. Uma das ações programadas será o Desafio Industrial, que mobiliza alunos para a resolução de desafios reais do setor. As atividades são estruturadas no formato de uma hackathon estendida, na qual grupos de seis a dez alunos se dedicam durante oito semanas ao desenvolvimento dos projetos. Os trabalhos serão orientados por um professor do instituto e um representante da empresa. A próxima edição do evento está prevista para o início de 2027. O Grupo MAG também terá acesso ao Núcleo de Carreiras e Estágios (NCE) da instituição para a realização de palestras, divulgação de oportunidades profissionais e participação na feira de estágios, e contará com a personalização de uma sala de aula por um período de um ano.

	José Hamilton Mancuso (1936/2017)	Laurinda Machado Lobato (1941-2021)	Responsável: Lilian Mancuso
Editórias <i>Economia/Política:</i> J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); <i>Ciência/Tecnologia:</i> Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); <i>Livros:</i> Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br); <i>Comercial:</i> comercial@netjen.com.br <i>Publicidade Legal:</i> lilian@netjen.com.br	<i>Webmaster/TI:</i> Fabio Nader; <i>Editoração Eletrônica:</i> Ricardo Souza. <i>Revisão:</i> Maria Cecília Camargo; <i>Serviço informativo:</i> Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.	Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.	Jornal Empresas & Negócios Ltda Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP.: 04128-080 Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br) Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90 JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003) Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.
Colaboradores: Claudia Lazzarotto, Eduardo Moisés, Geraldo Nunes e Heródoto Barbeiro.		ISSN 2595-8410	